

Recuperação econômica municipal discurso otimista do presidente

Sergio Leo e Taciana Collet

De Brasília

O encontro com o senador Jader Barbalho foi a primeira oportunidade do presidente Fernando Henrique para usar argumentos recém-adquiridos em defesa do governo. Na quarta-feira, FHC presidiu no Palácio do Planalto a Câmara de Política Econômica, e colheu números positivos reunidos pelas equipes do Ministério da Fazenda e do Banco Central. Uma coleção de tabelas, quadros e gráficos deu novas justificativas ao presidente para afirmar que, apesar da impopularidade, a condução da economia já começa a colher os frutos do crescimento sustentável.

Um desses gráficos, com ajustes para eliminar as chamadas "sazonalidades", mostra, por exemplo, que as exportações têm crescido de forma consistente desde março de 1999. Em maio, já estavam em cerca de 25% acima dos níveis de 1998. A massa de salários na economia come-

çou a reagir, e, embora esteja ainda abaixo dos níveis de 1998, cresce sem parar desde outubro de 1999. A produção industrial e as vendas no comércio mostram tendência de crescimento.

É uma situação bem diferente do cenário após o Real, quando a massa de salários puxou a produção industrial e as vendas no varejo mas levou a uma crescente deterioração nas contas externas. É um crescimento que não causa euforia, mas tem mais condições de se sustentar, argumentam os técnicos.

As tabelas mostram que as empresas de consultoria reviram para baixo, em até um ponto percentual, as previsões de inflação, coincidindo com a meta anunciada pelo BC. Sinal de credibilidade da política de metas inflacionárias. A formação bruta de capital fixo, termo usado para indicar o percentual de investimentos para aumentar a capacidade de produção, recuperou-se do tombo de 1999 e já chega a 20% do PIB, o maior nível desde 1998.

Segundo as tabelas de FHC, a produtividade na economia é hoje quase 50% maior que em agosto de 1994, e cresceu a uma taxa média de 7,7% na década de 90; desde outubro de 1999, a população ocupada vem aumentando, em média, 0,5% ao mês.

Um argumento que já começou a ser espalhado por outros integrantes da equipe econômica foi levado ao presidente para rebater as críticas sobre o fraco desempenho do comércio exterior: se medidas pelos preços praticados em 1998, as exportações e importações resultariam, em junho, num superávit de US\$ 8 bilhões acumulado em 12 meses. Esse número indica que os maiores responsáveis pelos baixos superávits comerciais são a depressão dos preços agrícolas e a explosão dos preços de petróleo. Mas as exportações têm reagido e podem se beneficiar da recuperação dos preços. "O saldo foi extremamente positivo; o presidente saiu satisfeito" resumiu o porta-voz Georges Lamazière.